

ENTRE O DESERTO E O MAR
BETWEEN THE DESERT AND THE SEA

Suzana Chwartz*

Resumo

Este ensaio explora o eixo simbólico comum a alguns dos principais episódios cosmogônicos na Bíblia hebraica, a saber, a reunião das águas da criação, o desfecho do dilúvio, a gênese de Israel na história com a travessia do mar dos Juncos e regeneração de Israel, com o retorno dos exilados a Sião.

Tendo como ponto de partida e chegada a palavra – guia *yabasháh*, propõe-se um percurso analítico com o intuito de elucidar a magnitude do plano divino para a salvação de Israel, bem como seu nexó lógico.

Palavras-chave: criação, terra seca, muralhas e Jerusalém, salvação.

Abstract

This essay explores the symbolic axis of some of the major cosmogonic episodes in the Hebrew Bible, such as the gathering of the waters in the Creation account, the end of the Flood, the genesis of Israel in History, with the crossing the Sea of Reeds and Israel's regeneration, with the return of the exiled jews to Zion.

Our point of departure and arrival is the *Leitwort yabasháh*, as it proposes an analytical trajectory that aims to elucidate both the magnitude and the logical nexus of the Divine Plan for Israel.

Key-words: Creation, dry land, Jerusalem's walls, Salvation.

*Arqueóloga e biblista, professora livre-docente de Bíblia Hebraica na USP, autora dos livros *Uma Visão da Esterilidade na Bíblia Hebraica* e *Via Maris: textos e Contextos da Bíblia Hebraica*.

A caminho da Terra Prometida, os filhos de Israel atravessaram o mar, porém não o Mar Vermelho, tal como vemos no Cântico que celebra a travessia:

Os carros do faraó e suas tropas, ao mar lançou;
a elite de seus cavaleiros no Mar dos Juncos afundou.
(Êxodo, 15: 4 [tradução minha])¹

Todos sabem onde fica o Mar Vermelho, mas ninguém sabe ao certo onde é o Mar dos Juncos (*yam suf*). *Yam* é a palavra semita para mar, e *suf*, junco, é uma palavra egípcia, como tantas outras no relato do Êxodo. Os estudiosos ainda não chegaram a um consenso sobre sua localização, sendo mais provável que pertença ao conjunto hídrico da região do delta do Nilo, onde os israelitas viviam desde os tempos de José.

Como *yam suf* se transformou em Mar Vermelho, na tradição?

Na versão grega da Bíblia hebraica, a Septuaginta, composta na Alexandria dos séculos 3 a.C. e 2 a.C., os tradutores substituíram o Mar dos Juncos do hebraico original pelo Mar Vermelho, *Erythra Thalassa*, uma tradição que se consolidou na Vulgata, onde o mar do Êxodo é denominado *Mare Rubrum*. Uma vez que a Bíblia hebraica passou a ser conhecida entre as nações mundiais como o Antigo Testamento do cânone cristão, o famoso Mar Vermelho engolfou o obscuro Mar dos Juncos, que permaneceu reduto de um restrito grupo estudioso das Escrituras em sua língua original. Conheciam os tradutores alexandrinos o Mar dos Juncos? Tanto pode ser que sim como não.

¹ Citações bíblicas são da edição revisada de João Ferreira de Almeida (biblia.com), salvo quando assinalado de outra forma. Essa citação é tradução da autora a partir do hebraico original.

Mas não era essa a questão que os mobilizava. O foco dos tradutores era caracterizar o mar da travessia épica dos israelitas como um empecilho implacável: o mar a ser enfrentado, fendido e atravessado a pé enxuto, tinha que ser um símbolo flagrante e inequívoco do caos; tinha que ser enorme, poderoso, ameaçador. Apenas dois mares se prestariam a tal caracterização: o Mediterrâneo e o Mar Vermelho. O primeiro, conhecido nos tempos bíblicos como o Grande Mar ou o Mar dos Filisteus, foi descartado no próprio relato bíblico por razões estratégicas, uma vez que às suas margens foram edificadas sólidas praças-forte egípcias. A outra opção era o Mar Vermelho. Assim, o texto original foi corrompido em favor da grandeza do mar.

Thalassa, que significa mar em grego, era a deusa que personificava o mar primordial na mitologia grega, juntamente com sua contraparte Pontus. Não se pode descartar a possibilidade de esse fator ter influenciado a decisão dos tradutores, uma vez que no Oriente Médio antigo o mar primordial é personificado por deusas e deuses, muitas vezes concebidos como horrendos monstros híbridos, serpentes e dragões, personificações do caos, invariavelmente derrotados pelo deus-herói em um feroz combate primevo no início dos tempos.

No épico mesopotâmico Ennuma Elish, Marduk triunfa sobre a furiosa mãe-mar, o monstro Tiamat, e com sete ventos revolve suas entranhas após sua morte – uma ação que precede a divisão de sua carcaça em céus e terra. No épico canaanita, por sua vez, Baal derrota o mar, uma entidade masculina, designada no mito como o príncipe Yam (mar), o juiz Nahar (rio), o dragão de sete cabeças Lotan (que equivale ao Leviatã bíblico), e Tanin, antes de construir seu palácio e ser entronizado como deus². Ecos de um embate semelhante entre o mar e monstros marinhos mitológicos reverberam nas palavras do salmista e dos profetas:

² Israel e Judá: textos do antigo Oriente Médio. São Paulo: Paulinas, 1985.

Tu, porém, ó Deus, és meu rei desde a origem
que opera libertações pela terra;
Tu dividiste o mar com teu poder,
quebrastes as cabeças dos monstros das águas.
(Salmos, 74: 12-13)

Fortemente enraizado na tradição popular de Israel, esse mito atravessou gerações: o livro apócrifo de Enoc (60: 7-8) registra a existência de um monstro fêmeo chamado Leviatã, que habita os oito abismos do oceano e é derrotado pelo Deus de Israel. Daniel, em suas visões simbólicas, descreve quatro ventos tempestuosos que agitam o grande mar, do qual emergem quatro bestas, símbolos de caos e destruição.

No relato da criação do universo, no primeiro capítulo do livro *Gênesis*, predomina o mistério da presença imponente e da criatividade divina. As águas primordiais que recobrem o abismo não são ameaçadoras nem perigosas, mas inertes e inférteis. Deus não encontra oposição, porque o caos aquoso do *Gênesis*, uma vez sem caráter mitológico, torna-se impotente.

E, no entanto, represar as águas do abismo é um passo vital para a criação do cosmos ordenado: no segundo dia da criação, Deus separa as águas, que tudo recobrem, em águas superiores e inferiores, estendendo entre elas o firmamento, para em seguida represá-las e confiná-las em um só lugar, fazendo o seco, designado como *yabasháh*, aparecer e a criação continuar seu curso com a invenção da natureza, condição primordial para toda e qualquer vida na terra.

Assim, o mar é domado e dominado, desmitificado e despersonalizado; é Deus quem define sua essência, conferindo a ele seu nome: *yam* – e, nas entrelinhas, derrotando as divindades a ele associadas, inclusive os grandes monstros marinhos, criados no quinto dia,

juntamente com outras criaturas rastejantes, trazidas pelas águas matriciais a comando de Deus³.

A gênese de Israel na história também é marcada pela vitória sobre o mar: Deus, ao fender, i.e. separar, as águas do Mar dos Juncos, revela o seco (*yabasháh*) que constituirá o caminho pelo qual passarão os israelitas. Das mesmas águas, reunidas e tornadas letais, Deus cria uma sepultura para os egípcios.

A travessia do mar pelos israelitas se nutre também do episódio do Dilúvio, quando as águas assumem a sua suprema valência negativa: são águas inumeráveis, que procedem da abertura simultânea das comportas do céu e das fontes do abismo, águas superiores e inferiores novamente misturadas, perfazendo a trajetória inversa da criação. São águas matriciais, mas em seu sentido devorador e aprisionador, uma vez que traga toda a criação, maculada pelo *hamas* – termo bíblico que designa a corrupção da humanidade – tão ofensiva a Deus, que o faz se arrepender de ter criado a terra e os homens, como lemos em *Gênesis* 6: 12-13³.

A terra seca que finalmente emerge das águas do dilúvio constitui um polo de salvação, assim como o caminho no fundo do Mar dos Juncos e o seco de *Gênesis 1*, todos designados pela mesma palavra-guia: *yabasháh*. O mesmo eixo simbólico marca o retorno dos exilados na Babilônia a Sião, no século 6 AEC, alinhando esse evento histórico aos episódios da Criação, do Dilúvio e do Êxodo.

³ É interessante notar que monstros marinhos, terra, céus e o humano são criados pela forma verbal *bara*, cujo único sujeito é Deus em toda a Bíblia hebraica e que pode ser traduzido como engendrar, uma abstração; já os outros verbos empregados para designar a ação divina de criar compartilham uma dimensão concreta, como fazer, construir e modelar.

Aos israelitas é imposto, mais uma vez, o percurso servidão-liberdade e morte-vida – Deus reconduz seu povo à terra natal da mesma forma como os conduziu, em tempos ancestrais, à terra prometida.

Todos esses episódios cosmogônicos – a criação do universo, a vitória mitológica sobre o mar, a gênese de Israel na história (travessia do mar dos Juncos) e sua regeneração e renascimento (o retorno dos exilados a Sião) – compartilham, além do significado teológico, um amplo arcabouço figurativo, e são celebrados conjuntamente pelo profeta Isaías em um canto que evoca a ação salvadora de Deus e a superação de todos os medos, mitológicos e mundanos:

Desperta, desperta,
veste-te de força, ó braço do Senhor;
desperta como nos dias da antiguidade,
como nas gerações antigas.

Porventura não és tu aquele que cortou em pedaços a Raabe,
e traspassou ao dragão,
Não és tu aquele que secou o mar,
as águas do grande abismo?

que fez do fundo do mar um caminho,
para que por ele passassem os remidos?

Assim voltarão os resgatados do Senhor,
e virão com júbilo a Sião;
e haverá perpétua alegria sobre as suas cabeças;

gozo e alegria alcançarão,
a tristeza e o gemido fugirão.

Eu, eu sou aquele que vos consola;
quem, pois, és tu, para teres medo dum homem, que é mortal,
ou do filho do homem que se tornará como feno;
e te esqueces de Senhor, o teu Criador,
que estendeu os céus, e fundou a terra,
e temes continuamente o dia todo
por causa do furor do opressor,
quando se prepara para destruir?

Onde está o furor do opressor?
exilado cativo depressa será solto,
e não morrerá para ir à sepultura,

nem lhe faltará o pão.

Pois eu sou o Senhor teu Deus, que agita o mar,
de modo que bramem as suas ondas.
Senhor dos exércitos é o seu nome.

E pus as minhas palavras na tua boca,
e te cubro com a sombra da minha mão;
para plantar os céus, e para fundar a terra,
e para dizer a Sião: Tu és o meu povo.
(Isaías 51: 9-16)

Nesse poema, o povo de Israel é criado diretamente pelo Deus demiurgo. Muito antiga, essa autopercepção de Israel figura no “Cântico do Mar” – um poema magistral do cânone judaico –, o qual exalta a travessia do mar dos Juncos, e emprega o verbo do radical *qanah* (comumente traduzido com adquirir) com o sentido arcaico de criar, formar, como se lê em *Êxodo* 15:16-17:

Sobre eles caiu medo e pavor
pela grandeza do teu braço emudeceram como uma pedra,
até que o teu povo passasse,
ó Senhor, até que passasse
este povo que formastes (*qanitah*)⁴.

Exatamente o mesmo verbo compõe um epíteto remoto de Deus, pelo qual jura Abraão, em *Gênesis* 14: 22: “de mãos erguidas, ao Senhor, Deus Altíssimo, criador (*qoneh*) dos céus e terra, juro”. Na qualidade de redentor, Deus assegura a seu povo a proteção de sua presença, que supera os contornos da realidade: “Quando passares pela água, estarei contigo; quando passares rios, não te submergirão, quando andares pelo fogo, não te queimarás” (Isaías 43: 2).

A simbologia da salvação, que vincula os episódios, permite ao leitor-ouvinte divisar a magnitude do plano divino para Israel e seu nexos lógico, muitas vezes tornado incompreensível pelo caráter fragmentado de toda experiência humana. Enquanto a terra seca

⁴ Tradução minha.

pavimenta, com seu pó, a trilha da salvação, muros, muralhas e paredes envolvem Israel num amplexo protetor, num claro apelo à simbologia uterina.

Coerentemente, a salvação brota do sentimento misto de amor e fidelidade que Deus nutre por Israel, designado em hebraico como *rachamim*, derivado de *réchem*, que significa útero. As muralhas de água que protegem os israelitas durante a travessia do mar dos Juncos remetem às muralhas de Jerusalém e às paredes protetoras da arca de Noé e da cesta de Moisés⁵. Quando os filhos de Israel passaram pelo meio do mar, as águas eram para eles como um muro à direita e à esquerda. Naquele dia, o Senhor salvou Israel das mãos dos egípcios (Êxodo 14: 29-30). As muralhas de Jerusalém são agentes da salvação divina:

Aos teus muros chamarás Salvação e às tuas portas Louvor. (Is 60: 18)

Até que muralhas de pedra não sejam mais necessárias:

Eu mesmo cercarei esta cidade, a fim de salvá-la. (Is 37: 34)

Deus, essencialmente transcendental, torna-se imanente para assegurar a salvação de Israel, o que nos remete ao Êxodo do Egito. Antes de enfrentar o mar, os israelitas têm que enfrentar o deserto, esferas equivalentes no que diz respeito a seu potencial de morte e perdição. “Com certeza estão desorientados, perplexos [...] fechou-se sobre eles o deserto”, dirá o faraó sobre o destino provável desse povo de pastores, que não conhece o deserto e seus perigos (Êxodo 14:3).

O deserto certamente teria sido a sepultura dos filhos de Israel, se Deus não tivesse se postado, como uma coluna, à frente do povo, para guiá-lo dia e noite, evitando que vagassem sem rumo e se perdessem em sua aridez incomensurável.

⁵ O termo *tevah*, de provável origem egípcia, designa tanto a arca de Noé como a cesta do bebê Moisés, ambas flutuando ao sabor das águas, guiadas apenas pela providência divina.

E o Senhor ia adiante deles, de dia numa coluna de nuvem,
para os guiar pelo caminho, e de noite numa coluna de fogo
para os iluminar, a fim de que caminhassem de dia e de noite.
Não desaparecia de diante do povo a coluna de nuvem de dia,
nem a coluna de fogo de noite. (Êxodo 13: 21-22)

Em um dado momento, os israelitas encontram-se acudados, cindidos entre o deserto e o mar: de costas para o primeiro – onde acampam os egípcios e suas hostes –, para o qual não podem retornar, e de frente para o mar, que não podem atravessar. A Bíblia hebraica, com seu poder de síntese incomparável e brilhante simplicidade, compõe uma das mais expressivas imagens da proteção divina: a coluna que seguia à frente para guiar, desloca-se para trás para proteger.

Então o anjo de Deus, que ia adiante do exército de Israel, se retirou e se pôs atrás deles; também a coluna de nuvem se retirou de diante deles e se pôs atrás, colocando-se entre o campo dos egípcios e o campo dos israelitas; assim havia nuvem e trevas; contudo aquela clareava a noite para Israel; de maneira que em toda a noite não se aproximou um do outro. (Êxodo 14: 19-20)

O díptico luz e trevas, somado ao universo simbólico que vincula todas essas passagens, literalmente ilumina o seu eixo conceptual: é através da ação criadora que Deus triunfa sobre as forças primordiais do caos, ao qual agrega-se, agora, um elemento da história que ocupa o lugar reservado aos monstros mitológicos, conferindo-lhe uma dimensão moral. Esse elemento são os egípcios e os babilônios, cuja dissolução moral atualiza, no texto bíblico, o conceito de *hamas*, a corrupção da humanidade pré-diluviana.

Israel – criada diretamente por Deus – é como o cosmos ordenado, a arca de Noé e a cesta cuidadosamente trançada de Moisés: emerge das trevas para a luz; do mar para a terra seca. Deus livra Israel de servir a um homem que se crê deus (o faraó) e a um povo idólatra (os babilônios), para servir somente a ele – como um sacerdote no templo. Israel poderá, finalmente, cumprir a sua missão universal, que é a de refletir na terra a santidade do próprio

Deus.

Portanto, os criou; à sua imagem e semelhança os criou. Salvação e criação unem-se em Israel, entrecruzando suas sendas. Se Deus é fonte perpétua de luz para Israel, como afirma o profeta, é em Israel que reside a luz primordial, criada no primeiro dia⁶. Ao estabelecer Israel “como uma luz para as nações”, Deus estende a sua salvação à humanidade.

Levanta-te, resplandece,
porque é chegada a tua luz,
e é nascida sobre ti a glória do Senhor.
Pois eis que as trevas cobrirão a terra,
e a escuridão os povos;
mas sobre ti o Senhor virá surgindo,
e a sua glória se verá sobre ti.
E nações caminharão para a tua luz,
e reis para o resplendor da tua aurora (Isaías 60: 1-3).

.....
Não te servirá mais o sol para luz do dia,
nem com o seu resplendor a lua te iluminará;
mas o Senhor será a tua luz perpétua,
e o teu Deus a tua glória (Isaías 60: 19).

⁶ Essa luz primordial não provém do sol, criado no quarto dia, mas no primeiro dia da criação.